



## XXVI Jornada do Gelne

# Área Temática 11 **Linguística Histórica**

ANAIS ELETRÔNICOS DA XXVI JORNADA DO GRUPO DE  
ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO NORDESTE

Capítulo da obra *Pesquisas em Língua, Linguística e Literatura no Nordeste:  
uma Jornada de quase 40 anos do Gelne*. ISBN 978-85-66530-69-8



## **“DIZ QUE AQUI CHOVE MUITO”: O CONTATO ENTRE LÍNGUAS E A INDETERMINAÇÃO PRONOMINAL DO SUJEITO**

**GRACIELLE DE BARROS JESUS (PPGLINC/UFBA)**

### **Introdução**

Ao se estudar as circunstâncias que envolveram a formação do português brasileiro (doravante PB), sobretudo em sua vertente popular, torna-se recorrente entre os pesquisadores da área a admissão da relevância do contato entre as línguas que compuseram a sociedade brasileira no período colonial para as características atuais da língua. Dentre os possíveis efeitos linguísticos desse processo histórico, está a variação nos mecanismos pronominais de indeterminação do sujeito. Para proceder a análise a seguir, consideraremos como consequência dos processos de contato massivo entre línguas a simplificação morfológica, fenômeno predominante nas variedades populares do PB.

Além dos resultados da análise do fenômeno em questão, esse trabalho contém uma segunda sessão, que discute rapidamente a sócio-história do português brasileiro, uma terceira sessão, onde será analisada a relação entre o funcionamento dos sujeitos pronominais de referência definida e os de referência arbitrária e uma quarta sessão, onde serão apresentados os resultados obtidos para a variável.

### **Fundamentos empíricos para a compreensão do português popular brasileiro: breves palavras**

Tendo em vista os processos históricos que envolveram a formação da sociedade brasileira no período colonial, principalmente no que diz respeito a diversidade linguística que se observou no território brasileiro desde o século XVI, em decorrência das investidas imperialistas portuguesas em todos os continentes, é seguro que

se afirme que as características atuais do PB se desencadearam em decorrência do contato maciço entre as línguas que aqui conviveram e mutuamente se influenciaram: a língua portuguesa, trazida pelos colonizadores, as línguas indígenas, que já estavam presentes no território brasileiro e as línguas africanas, que para cá vieram com os africanos escravizados. Em situações como essa, é comum que a língua do dominante, a chamada língua de superestrato, sobreponha-se às línguas dos segmentos dominados, que, por ter acesso a dados instáveis dessa língua e em contextos desfavoráveis, a adquirem de forma irregular, com muita alteração/variação nos parâmetros sintáticos da língua leixificadora, sendo que esses falantes acabam por oferecer aos seus descendentes um modelo de língua materna marcado por esses *déficits* de aquisição. Esse é o quadro característico da Transmissão Linguística Irregular (doravante TLI).

De acordo com os preceitos da TLI, um falante adulto que adquire uma língua nas circunstâncias semelhantes às observadas na formação do português brasileiro – de forma emergencial, sem o intermédio homogeneizador da escola e, consequentemente, com dados instáveis relativos à estrutura da língua-alvo – fornece para os seus descendentes um modelo de língua que traz consigo todas essas deficiências de aquisição. Os descendentes aprendem e nativizam essa língua, repetindo para os seus sucessores o mesmo processo. No caso do português brasileiro, observa-se que a língua nativizada não passou pelas reestruturações gramaticais características das línguas crioulas, e sim por simplificações morfológicas de algumas estruturas gramaticais, o que, combinado com os fatores sócio-históricos e demográficos dos povos que formaram a sociedade brasileira, confirma a hipótese de que o português popular brasileiro emergiu de um processo de TLI.

Devido à complexidade da realidade sociolinguística do Brasil, é preciso ter em mente que esse processo não afetou de forma homogênea a todos os fenômenos linguísticos. De acordo com Lucchesi et al,

Portanto, para se determinar a influência dos processos de transmissão linguística irregular no muito vasto e complexo universo sociolinguístico brasileiro, é preciso levar em conta, por um lado, o item da estrutura linguística que está sendo focalizado, a sua função mais ou menos abstrata, sua transparência semântica e o valor mais ou menos marcado do parâmetro sintático em jogo; tendo, sempre, como referência os mode-

los transplantados da variedade linguística europeia; e, por outro lado, a comunidade de fala em que esse item é analisado, o que implica considerar o grau de contato linguístico por que essa comunidade passou, a sua exposição aos modelos linguísticos difundidos institucionalmente, etc. (2009, p.123)

No caso do fenômeno aqui analisado, a indeterminação do sujeito, considerar os fatores apontados acima é fundamental, pois estamos tratando, aqui, um caso proeminente de simplificação morfológica, já que o verbo conjugado na terceira pessoa do singular sem o pronome *se* indeterminador é uma construção recorrente no português popular, como mostram os exemplos abaixo:

(01) No São Joaquim, ainda **compra** mais barato, os moinho de folha.

(CAJ 07)

(02) É Atac... Tem tudo, tem tudo, tem tudo. No dia que a... **inagurô** esse Atacadão, eu fui. (CAJ 09)

(03) Signo áries **diz** que é um signo muito difícil. (LIB 03)

Além disso, é possível relacionar o comportamento dos sujeitos de referência arbitrária com as mudanças que a realização do sujeito pronominal vem sofrendo no português brasileiro, conforme explicitaremos na sessão a seguir.

## A realização do sujeito pronominal no português brasileiro: algumas considerações

Em sua tese de doutorado, defendida em 1995, Maria Eugenia Duarte analisou, sob os moldes da Sociolinguística Paramétrica e tendo como *corpus* dados orais, uma possível mudança do português brasileiro em direção à perda do princípio “Evite pronome” (CHOMSKY, 1981). De acordo com a análise da autora, tal mudança tem como causa

a redução do paradigma pronominal, com a conseqüente simplificação do paradigma flexional, a partir da perda, em quase todo o território nacional<sup>9</sup>, da segunda pessoa “direta”, representada pelos pronomes

**tu** e **vós**, e sua substituição pela segunda pessoa indireta”, que usa as formas verbais de terceira pessoa, como causa principal da perda do sujeito nulo; o paulatino desaparecimento do pronome **nós**, substituído pela expressão **a gente**, que usa igualmente a forma verbal de terceira pessoa do singular, só veio contribuir para que a mudança se acelerasse. (DUARTE, 1995, p.40)

Em consequência dessa mudança, temos, atualmente, um quadro flexional extremamente reduzido, marcado pelo sincretismo das formas, quadro que se acentua consideravelmente se falarmos do português popular. Sendo assim, afirma-se que o português evoluiu de um sistema contendo seis formas distintivas para um sistema de três formas, sendo que no português popular de algumas comunidades afrobrasileiras é possível encontrar sistemas verbais com duas formas, diferenciando apenas a primeira pessoa do singular. Portanto, torna-se difícil identificar o sujeito somente pela desinência verbal, tornando-se necessário marcar foneticamente o sujeito pronominal. Lucchesi, fazendo um contraponto entre os dois grandes padrões de fala do Brasil, afirma que

Considerando-se o contexto sociolinguístico da formação do PB, em que se observa uma polarização entre os padrões da fala da elite escolarizada, influenciados pelos modelos do português europeu, e os padrões da fala da ampla maioria da população, afetados pelo contato entre línguas (LUCCHESI, 1998, 2001a), podem-se agregar novos elementos à compreensão desse processo de perda do licenciamento do sujeito referencial nulo no PB. Em primeiro lugar, se, na norma culta, o móvel da mudança — o enfraquecimento da morfologia verbal — ocorreu em função de substituições na pauta dos pronomes pessoais, na norma popular um enfraquecimento ainda maior da flexão verbal pode ser visto como um reflexo direto do processo de transmissão linguística irregular. Tanto é assim que a redução na flexão verbal, na fala popular, ocorre mesmo quando se mantêm em uso os pronomes tu e nós. (LUCCHESI, 2009, p.174)

Considerando que uma mudança linguística não afeta somente o fenômeno que está passando pelo processo de mudança, Duarte afirma que essa nova confi-

guração do comportamento dos sujeitos de referência arbitrária teria atingido também os sujeitos de referência indefinida: as ocorrências de sujeito indeterminado passariam a solicitar a realização mais frequente de formas pronominais com valor indeterminador, fazendo com que estudos amplos acerca do tema no português contemporâneo mostrem que outras formas pronominais para indeterminar o sujeito são largamente encontradas na língua, como *eles*, *você* e *a gente*. Tendo em vista essas considerações, esperamos encontrar, na análise aqui realizada, ampla utilização de sujeitos indeterminados foneticamente realizados.

## Fundamentação teórica e metodológica

Temos, aqui, o objetivo de analisar o funcionamento da indeterminação pronominal do sujeito na cidade de Salvador. Para isso, elegemos três bairros que são representativos da diversidade da capital baiana, tanto no que diz respeito à localização geográfica quanto em relação à demografia: Liberdade, bairro situado na divisão entre a Cidade Baixa e a Cidade Alta de Salvador e que, até pouco tempo, era considerado o bairro com a maior população negra da cidade, Cajazeiras, um dos bairros com maior contingente negro de Salvador, sendo formado por 9 setores, e Subúrbio (Plataforma), o mais antigo bairro do subúrbio ferroviário de Salvador.

Esta análise se insere no âmbito da Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV & HERZOG 1968, LABOV 1972), modelo de análise que parte do pressuposto que as diferenças entre os usos linguísticos são motivadas ou restritas pela dinamicidade das relações e experiências humanas, e que essa variação entre os usos heterogeneidade não é aleatória, mas motivada por fatores internos e externos à estrutura da língua. Portanto, por ser ordenada, a heterogeneidade linguística é passível de sistematização.

A base de dados desta análise será composta pelos dados de fala obtidos através de 36 entrevistas. Os informantes estão divididos em três faixas etárias (faixa I – 25 a 35 anos, faixa II – 45 a 55 anos e faixa III – mais de 65 anos) e ocupam a base da pirâmide social, com pouca ou nenhuma escolarização.

As entrevistas, que têm duração média de 50 minutos e seguem a orientação laboviana, em que se busca o vernáculo do informante através de uma interação

que se assemelhe a uma conversa informal. Após realizadas, as entrevistas foram transcritas, revisadas e procedeu-se o levantamento exaustivo dos dados, com posterior codificação. Para o tratamento dos dados estatísticos, recorreu-se o programa GoldVarbX, que trabalha com regras variáveis e fornece resultados em pesos relativos.

Para a análise da variável dependente, consideramos cinco variantes. São elas:

**(a) a gente**

(04) Se fomo no interiô, também, pôco, mas tem, se fô po ci... pa cidade, pôco, mas tem, mas que é que **a gente** pode fazê? Poliça num tá dano conta. (CAJ 2)

**(b) nós /-mos/ Ø**

(05) Aí minha irmã diz a mim: “Toda hora você dá risada, você vê uma coisa passá na televisão, você dá risada.” Eu vô fazê o quê? Que o mundo é esse que **nós** estamos viveno! (LIB 3)

**(c) você/ Ø**

(06) Quando a polícia chega é lhe bateno, é lhe agredino, quando **você** vai prová que **você** tem documento, tem isso, tem aquilo. (LIB 8)

**(d) eles/ Ø**

(07) Aí **eles** mesmo enterra lá. Aí disse que **enterraro** o menino por lá mesmo. (SUB 4)

**(e) Ø + 3ª pessoa do singular**

(08) É. Naquele tempo o... [pegava]... **fazia** bola de papel pa rumá na... (SUB 10)

A análise revelou que a variação do fenômeno é condicionada pelos fatores estruturais *Referência ao falante* e *Nível de referencialidade*, e pelo fator social *Faixa etária*. Na sessão a seguir, apresentaremos os resultados da análise da variação no uso dos mecanismos gramaticais de indeterminação do sujeito.

## Análise variacionista do uso das formas pronominais de indeterminação do sujeito no português popular de Salvador – BA

A base de dados para a análise aqui realizada foi constituída por 1.518 ocorrências de sujeitos indeterminados, realizados ou não. A distribuição dessas ocorrências pelas variantes inicialmente estabelecidas é apresentada na tabela 1:

TABELA 1 – Frequência geral das variantes de expressão do sujeito indeterminado no português popular De Salvador-BA

FORMA	Nº DE OC. / TOTAL	FREQUÊNCIA
A gente	523/1518	34,5%
Eles	436/1518	28,7%
Você	270/1518	17,8%
Ø + V 3ps	264/1518	17,4%
Nós	25/1518	1,6%

Depreende-se dos dados da tabela acima alguns dados interessantes acerca do funcionamento da indeterminação do sujeito nos bairros analisados. Os números obtidos nos mostram que a variante mais empregada pelos falantes de baixa escolaridade do para expressar a indeterminação do sujeito é o *a gente*, com 34,5% das ocorrências. O pronome da 3ª pessoa do plural, *eles*, é a segunda forma mais utilizada, estando presente em cerca de 1/3 das ocorrências. Em seguida, temos o pronome *você*, com 17,8% das ocorrências, seguido pela forma não marcada da terceira pessoa do singular, com 17,4% das ocorrências. Por último, temos o pronome *nós*, com 1,6% das ocorrências. Conforma o esperado, temos as formas realizadas

foneticamente sendo utilizadas com mais frequência para indeterminar o sujeito, o que pode, conforme explicitado anteriormente, ser correlacionado com o comportamento dos sujeitos de referência definida.

A seguir, analisaremos o encaixamento estrutural do fenômeno, considerando as duas variáveis que foram consideradas estatisticamente relevantes: o *Nível de referencialidade* e a *Referência ao falante*. Para tanto, focalizaremos a forma não marcada da terceira pessoa do singular ( $\emptyset$  + 3ª pessoa do singular) em contraponto às outras formas de indeterminação encontradas, buscando confirmar ou refutar as hipóteses que correlacionam essa variante ao processo de TLI.

### **Nível de referencialidade**

Entendemos, aqui, a referencialidade como um processo pragmático no qual o falante refere-se a uma entidade real ou imaginária, identificando tal entidade de forma mais ou menos específica. O nível de indeterminação do sujeito é uma variável bastante importante no estudo das estratégias de indeterminação, estando relacionada à natureza/quantidade de seres que podem ocupar a posição de sujeito do discurso, partindo do pressuposto que a indeterminação é um fenômeno gradual, que pode ser realizado em níveis diferentes. Neste trabalho, três possibilidades foram analisadas:

- a. a *indeterminação universal*, que é verificada quando a referência do sujeito pode ser preenchida por qualquer ser potencialmente retomável pela expressão utilizada pelo falante, ou seja, por qualquer entidade.
- b. a *indeterminação parcial*, que ocorre quando a referência ao sujeito é parcial, já que inclui indivíduos de um grupo mais específico (geralmente, os habitantes da localidade que o falante reside), e
- c. o *grupo específico não definido*, verificado quando a referência é um grupo menor, ou até mesmo um só indivíduo, cuja identidade não pode ser retomada anaforicamente.

Para essa variável, obtivemos os seguintes resultados:

TABELA 2 – Ø + 3ps e a variável Nível de referencialidade

NÍVEL DE REFERENCIALIDADE	OCO/TOTAL	FREQUÊNCIA	PR
Universal	25/177	14,1%	.488
Genérico	145/808	17,9%	.560
Específico	94/533	17,6%	.413
Total	264/1518	17,4%	--

Pela análise da tabela acima, podemos inferir que a forma não marcada da terceira pessoa do singular é funcional para os três níveis de indeterminação, estando presente de forma equilibrada em todos eles.

### Referência ao falante

Essa variável refere-se à inclusão ou exclusão do falante do contexto determinado pela forma do sujeito utilizada. Essa escolha pode ser motivada por diversas questões, todas situadas fora da estrutura linguística: geralmente, o falante se exclui de contextos nos quais ele não poderia ou não gostaria de estar inserido. Em relação à variante da 3ª pessoa do singular, os resultados obtidos são os descritos na tabela 3:

TABELA 3 – Ø + 3ps e a variável Referência ao falante

REFERÊNCIA AO FALANTE	OCO/TOTAL	FREQUÊNCIA	PR
Sujeito não inclui o falante	128/554	23,1%	.620
Sujeito inclui o falante	136/964	14,1%	.430
Total	264/1518	17,4%	--

Há, como é possível observar na tabela, um favorecimento do uso da forma simplificada da 3ª pessoa do singular em contextos nos quais o falante não está inserido, já que, nessas situações, o peso relativo de uso dessa forma é de 0.620, em oposição a um desfavorecimento de 0.430 para sentenças em que o falante não se inclui.

### Faixa etária

Nas análises realizadas através da abordagem em tempo aparente (LABOV, 1972 e 1981), a variável faixa etária é fundamental, pois ela pode dar indícios de um possível movimento de mudança, sinalizado pela diferença e comportamento entre os mais jovens e os mais velhos. Os resultados obtidos estão descritos na tabela:

Tabela 5: Ø + 3ps e a variável Faixa etária

FAIXA ETÁRIA	OCO/TOTAL	FREQUÊNCIA	PR
Faixa 1	69/317	21,8%	.607
Faixa 2	54/597	39,3%	.374
Faixa 3	141/604	39,8%	.569
Total	264/1518	17,4%	---

De acordo com os resultados obtidos, a faixa 1, composta pelos informantes mais jovens, é a que mais utiliza a variante da terceira pessoa do singular, com peso relativo de .607. Em seguida, temos a faixa 3, composta pelos informantes mais velhos, com peso relativo .569, seguida pela faixa 2, com peso relativo .374. Esse resultado não é suficiente para nos dar indícios acerca dos caminhos que a variante de terceira pessoa do singular deve seguir futuramente nessa comunidade.

## Considerações finais

A análise dos mecanismos gramaticais de indeterminação em Salvador era motivada pelas hipóteses de que a forma verbal utilizada como estratégia de indeterminação do sujeito pode ser interpretada como resultado de um processo de mudança ocasionado pelo contato maciço entre línguas, e que as formas gramaticais realizadas seriam estatisticamente mais recorrentes, devido à influência do movimento de mudança em direção à perda do sujeito nulo pelo qual o português brasileiro está passando, e pela hipótese de que as formas pronominais realizadas seriam mais recorrentes.

A primeira confirmação que obtivemos foi que as estratégias de indeterminação são bem mais numerosas que as legitimadas pela gramática tradicional, e que há um movimento em direção ao uso mais recorrente de formas pronominais realizadas para se indeterminar o sujeito. Em relação à forma não marcada da terceira pessoa do singular, não pudemos observar resultados significativos que apontem para um possível processo de mudança pelo qual a comunidade pode estar passando.

O estudo das estratégias de indeterminação do sujeito são um passo significativo em direção à compreensão das circunstâncias de formação do português popular brasileiro. Espera-se que estudos como o realizado aqui contribuam para que os valores relacionados às normas de prestígio sejam repensados e para o desenvolvimento de um modelo teórico de estudo que leve em consideração a heterogeneidade dos repertórios linguísticos dos falantes.

## Referências

- CHOMSKY, N. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Foris. (2 a. ed. 1982)
- DUARTE, Maria Eugênia L. Os sujeitos de 3ª pessoa: REVISITANDO DUARTE 1993. In *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012.
- DUARTE, Maria Eugênia L. *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 1995.
- DUARTE, Maria Eugênia L. Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão. *Revista Linguística*, v.3, n.1, 2007.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, Ilza. (org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, D. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, C. (org). *Português Brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro, 2003, p. 272-283.

LUCCHESI, D. A simplificação morfológica na expressão do sujeito indeterminado no português afro-brasileiro. *Revista Linguística*, v.10, n.1, junho de 2014.

PONTE, V. *A indeterminação do sujeito no português popular do interior do estado da Bahia*. Salvador: UFBA. 127 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, 2008.

WEINREICH, U., LABOV, W., MARVIN I.. Herzog. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Parábola, 2006.